

INDÚSTRIA CULTURAL E (RE)PRODUÇÃO DA SEMIFORMAÇÃO: A DANIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO

Raimundo Sérgio de FARIAS JÚNIOR¹
Universidade Federal do Pará – Mestrado Acadêmico em Educação

I. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quanto menos promessas a indústria cultural tem a fazer, quanto menos ela consegue dar uma explicação da vida como algo dotado de sentido, mas vazia torna-se necessariamente a ideologia que ela difunde (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 137).

É impossível que inúmeros trabalhadores, pequenos empregados e outros grupos graças à sua consciência de classe ainda viva, embora debilitada, não caiam nas malhas da semiformação (Adorno, 1996, p. 395).

Os modelos de pensamento e ação que as pessoas aceitam já preparados e fornecidos pelas agências de cultura de massas agem por sua vez no sentido de influenciar essa cultura como se fossem idéias do próprio povo. A mente objetiva de nossa época cultua a indústria, a tecnologia e a racionalidade sem nenhum princípio que dê um sentido a essas categorias; espelha a pressão de um sistema econômico que não admite tréguas nem fugas (Horkheimer, 1976, p. 167).

Os escritos que ora apresento ao III Encontro de Filosofia da Educação do Norte Nordeste possuem sua fundamentação teórica nos autores associados à tradição do pensamento frankfurtiano, especialmente, Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Walter Benjamin. Tais escritos se desenvolveram no interior do Grupo FHIMCA (Filosofia, História, Indivíduo, Memória e Cultura na Amazônia) e expressam um conjunto de reflexões tecidas desde a graduação em pedagogia, quando, na condição de bolsista de iniciação científica, pude me aproximar desta escola filosófica alemã e, a partir da afinidade teórica engendrada pelas leituras efetivadas, construí minha forma de ler, entender e interpretar o mundo, consubstanciados, em parte, no texto que segue. Este texto, tenta aproximar-se, em sua forma, àquilo que Adorno (1994c) entendia ser a forma ensaio², eleita pelos pensadores frankfurtianos como uma das maneiras encontradas para manifestarem seus pensamentos

¹ Pedagogo, mestrando em Educação (UFPA), Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) E-mail: jrbarcafarias@yahoo.com.br

² Adorno (1994c, p. 174-5), ao referir-se à forma ensaio, assim escreve: “O ensaio não compartilha a regra do jogo da ciência e da teoria organizada, segundo as quais, como diz Spinoza, a ordem das coisas seria a mesma que a das idéias já que a ordem sem lacunas dos conceitos não se identifica com o ente, o ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva. Ele se revolta, em primeiro lugar, contra a doutrina, arraigada desde Platão, segundo a qual o mutável, o efêmero, não seria digno da Filosofia; revolta-se contra essa antiga injustiça contra o transitório, pela qual ele é mais uma vez condenado, no plano do conceito [...]. A objeção contra ele, de que seria fragmentário e acidental, postula a totalidade como um dado e, em consequência de sujeito e objeto; comporta-se como se dispusesse do todo. Mas o ensaio não quer captar o eterno nem destilá-lo do transitório; prefere perenizar o transitório. A sua fraqueza testemunha a própria não-identidade que ele deve expressar [...]. naquilo que é enfaticamente ensaio, o pensamento se libera da idéia tradicional de verdade”.

de forma livre, uma tentativa de escapar ao cerceamento intelectual imposto pelo positivismo, impregnado na academia, e pelas teorias herdeiras desta que, na modernidade, alcançaram uma hegemonia que acaba criando uma objeção a outras formas de expor pensamentos, inclui-se a estas formas o ensaio. Exponho, portanto, considerações *transitórias*, características de um ensaio, uma vez que, aqui, não é intenção deste autor *captar o eterno, mas sim perenizar o transitório*.

O assunto abordado por estes escritos se processam num momento histórico em que a industrial cultural³, me parece, pretender querer ser, além de hegemônica, absoluta, e, assim, contribuir para supremacia da *semiformação* – tal como conceito formulado por Adorno (1996) – na contemporaneidade. As consciências que, passivamente, absorvem a *semiformação* divulgada pela indústria cultural, acabam por se estultificar, burrificar, bestializar; um obstáculo dificilmente sobreposto pelos indivíduos, um caminho contrário ao que Adorno e Horkheimer (1985) entendiam como *esclarecimento*. Este estudo foi realizado com o propósito de apontar, preliminarmente, as dificuldades que hoje, tendencialmente, impedem o processo de esclarecimento, tal como formulado por Adorno e Horkheimer (1985), processo esse que encontra dificuldades de se concretizar por conta do avassalador poder conferido à indústria cultural, principal divulgadora da *semiformação* (Adorno, 1996), hoje, generalizada e socializada pelos indivíduos – ou o que restou deles – de nosso tempo e pela educação que, estando danificada, não consegue contribuir para formar sujeitos críticos e emancipados. É um estudo bibliográfico, cujas exegeses expostas desenvolveram-se a partir das reflexões empreendidas pelos teóricos frankfurtianos indicados anteriormente ou de outros que, em nossos tempos, tenham se dedicado a difícil tarefa de não deixar que o pensamento adormeça e enrijeça completamente, pois “[...] uma verdadeira práxis revolucionária depende da intransigência da teoria em face da inconsciência com que a sociedade deixa que o pensamento se enrijeça [...]” (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 51).

II. INDÚSTRIA CULTURAL E A ESTULTIFICAÇÃO DAS CONSCIÊNCIAS: OS PREJUÍZOS DA (DE)FORMAÇÃO

Marx (1994), ao referir-se à mercadoria, assim a descreveu:

À primeira vista, **a mercadoria** parece ser coisa trivial, imediatamente compreensível. Analisando-a, vê que ela **é algo muito mais estranho**, cheia de sutilezas metafísicas e argúcias teológicas. [...]. **A mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir características sociais do próprio trabalho dos homens apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho; por ocultar, portanto, a relação social entre os trabalhos**

³ O termo *indústria cultural* foi empregado pela primeira vez por Adorno e Horkheimer na *Dialética do esclarecimento*. A intenção destes autores ao criar este conceito era estabelecer uma oposição ao termo *cultura de massas*, que, no capitalismo tardio, havia tido seu aspecto descaracterizado, ou seja, esta *cultura de massas* já não mantinha correspondência com o seu conceito; uma cultura surgida espontaneamente das massas.

individuais dos produtores e o trabalho total, ao refleti-la como relação social existente à margem deles, entre os produtos de seu próprio trabalho. [...] Uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Para encontrar um símile, temos de recorrer à região nebulosa da crença. Aí, os produtos do cérebro humanos parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que mantêm relações entre si e com os seres humanos. É o que ocorre com os produtos da mão humana, no mundo das mercadorias. Chamo a isto de fetichismo, que está sempre grudado aos produtos do trabalho, quando são gerados como mercadorias. É inseparável da produção de mercadorias. **Esse fetichismo do mundo das mercadorias decorre conforme demonstra a análise precedente, do caráter social próprio do trabalho que produz mercadorias** (p. 79, 81. **Os grifos são meus**).

A necessidade de retomar este trecho do *Capital* é para buscar um melhor entendimento do porquê de Adorno e Horkheimer (1985) defenderem a assertiva de que a cultura, na sociedade administrada, havia se convertido em uma mercadoria como outra qualquer.

A cultura é uma mercadoria paradoxal ela está tão completamente submetida à lei da troca que não é mais trocada ela se confunde tão cegamente com uso que não se pode mais usá-la. [...] Quanto mais destituída de sentido esta parece ser no regime do monopólio, mais todo-poderosa ela se torna. Os motivos são marcadamente econômicos (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 151).

Os produtos culturais industrializados, pois, tais quais uma mercadoria, obedecem, rigidamente leis mercantis inexoráveis e sua padronização, imposta pelo sistema produtivo, aquiescem à lógica do consumo. Tais produtos não visam, portanto, a satisfação de necessidades realmente humanas, uma vez que, transformados em mercadorias, não cumprem as promessas que seduzem seus ávidos consumidores. Uma cultura que, adocida, não consegue contribuir para um verdadeiro processo formativo. Cultura essa que, impedida de formar, inviabiliza a emancipação e a autonomia dos indivíduos, antes colabora, fortemente, para o contrário, para o que Kant (s/d) entendia por *menoridade social*; uma condição social em que o indivíduo não consegue ser capaz de se servir do seu entendimento sem a orientação de outrem. Para Adorno e Horkheimer (1985, p. 144-5):

Na indústria, o indivíduo é ilusório não apenas por causa da padronização do modo de produção. Ele só é tolerado na medida em que sua identidade incondicional com o universal está fora de questão. Da improvisação padronizada no jazz até os tipos originais do cinema, que têm de deixar a franja cair sobre os olhos para serem reconhecidos como tais, o que domina é a pseudo-individualidade. O individual reduz-se à capacidade do universal de marcar tão integralmente o contingente que ele possa ser conservado como o mesmo.

A cultura, mercantilizada, confunde, sutilmente, seus consumidores ao divulgar uma propaganda falsa que atenta contra a autêntica formação dos indivíduos. Estes, estultificados, não conseguem perceber que estão sendo enganados por algo que é imediatamente incompreensível a um

olhar completamente desatento, ou melhor, por um pensamento que já não consegue perceber os simulacros que os produtos culturais conseguem ocultar com notável êxito. Este adormecimento das consciências é favorável à dominação social imposta à classe trabalhadora que, na atualidade, é, cada vez mais, excluída da possibilidade da formação, o que contribui para que as elites dirigentes consigam dominar e controlar, com mais facilidade, os grupos sociais com potencial subversivo. Em nosso tempo é perfeitamente fácil perceber que a burguesia industrial tem expandido profundamente sua dominação – esta, por sua vez, é facilitada por uma intensa integração econômica, política e cultural, em escala mundial – favorecida pelo processo de reestruturação produtiva, ou seu sinônimo vulgar: globalização. A burguesia, por possuir condições objetivas e subjetivas que favorecem a manutenção e reprodução de sua hegemonia, consegue produzir e divulgar sua (pseudo)cultura ao restante do todo social. Os grupos sociais, despossuídos dos meios para a produção e divulgação de suas idéias, acabam incorporando as produzidas pela burguesia. Se a burguesia, no capitalismo tardio, vem mantendo sua hegemonia isso se deve, entre outros fatores, ao fato de que sua formação cultural é a que melhor se adapta ao modelo de sociedade existente. A sua formação possibilita a ampliação e a expansão da dominação do capital, ao expandir e comercializar, ao mesmo tempo, suas mercadorias. Do contrário, a ausência desta formação, sucumbiria, uma vez que um dos motivos fundamentais que tem impedido a modificação das atuais formas de exploração é a própria fraqueza subjetiva que acompanha as classes desfavorecidas economicamente.

Sem a formação cultural, dificilmente o burguês teria se desenvolvido como empresário, como gerente ou como funcionário. Assim que a sociedade burguesa se consolida, as coisas já se transformam em termos de classes sociais. Quando as teorias socialistas se preocuparam em despertar nos proletários a consciência de si mesmo, o proletariado não se encontrava, de maneira alguma, mais avançado subjetivamente que a burguesia (Adorno, 1996, p. 392).

No capitalismo tardio, as elites dirigentes conseguem negar os pressupostos fundamentais à formação dos indivíduos que *vivem do trabalho*. Isto é, recusa aos trabalhadores qualquer possibilidade de elevação da subjetividade adoecida. O espírito adormecido, facilmente, subordina sua razão ao que existe imediatamente (Adorno e Horkheimer, 1985). Esta subordinação corresponde a uma singular manifestação da alienação, que coisifica e molda as consciências que o mundo administrado aspira. Só o fortalecimento do pensamento, cuja pretensão escapa aos fabricantes de produtos culturais, permite a destruição desta subordinação a qual a razão está submetida na contemporaneidade. A dura lida imposta aos trabalhadores, bem como as condições precárias de seu existir, se constitui em um obstáculo de difícil superação para a construção de pensamentos emancipados, uma vez que até o ócio é aproveitado, engenhosamente – pelos meios que propagam a ideologia dominante, particularmente a *indústria cultural* – para que não reflitam sobre sua condição de explorado e, muito menos, sobre quem os explora. Assim, as classes dominantes economicamente, para manter seus privilégios, não têm poupado esforços para que a dominação das consciências

permaneça no estado em que se encontra: a *semiformação*. Indivíduos que não esboçam qualquer resistência frente ao autoritarismo da sociedade presente, pessoas passivas, subservientes, cumpridoras de ordens, ditames, incapazes de qualquer ação que as caracterizaria como um ser autônomo: é o ideal de homem pretendido pela burguesia. Na verdade, todo esse processo revela os prejuízos da (de)formação da classe que é subjugada aos preceitos do capital. Esse prejuízo acarreta uma passividade que subtrai a historicidade das relações sociais presididas pelo capital, um acomodamento às condições e contradições sociais que mantém incólume a irracionalidade de uma sociedade que se sonhou, um dia, na *época das luzes*, iluminada. Mas vivemos em uma época esclarecida? Assim Kant (s/d, p.112) responde:

Não, vivemos em uma época de esclarecimento [...] somente temos claros indícios de que agora lhes foi aberto o campo no qual podem lançar-se livremente a trabalhar e tornarem progressivamente menores os obstáculos ao esclarecimento geral ou a saída deles, homens, de sua menoridade social, da qual são culpados.

Como resolver esta contradição apontada por Kant em um contexto em que a *indústria cultural* parece monopolizar a (de)formação das consciências em vias da estultificação irreversível? Qual a possibilidade para a realização do esclarecimento? São essas as principais questões, a meu ver, postos àqueles que, na atualidade, se encarregam da complicada tarefa de educar.

III. SEMIFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO DANIFICADA: A (IM)POSSIBILIDADE DO ESCLARECIMENTO?!

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e investi-los na condição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber (Adorno e Horkheimer, 1985, 19).

Para Adorno e Horkheimer, o processo de *esclarecimento* encontrava-se impedido de se realizar no mundo administrado por conta de, por um lado, o intenso processo de dominação das consciências que recebem, por parte dos forjadores de *opinião* – conforme expressão de Adorno (1969) –, apenas uma *semiformação* que nunca se converte em formação autêntica e, por outro, pelas condições objetivas cada vez mais precárias da maioria da população e não, como defendia Kant, apenas pela preguiça e a covardia.

Sendo assim, condições objetivas e subjetivas débeis impedem que os grupos sociais desprivilegiados cultural e economicamente construam consciência crítica e, desse modo, desvendam os arcanos que os impedem de construir um pensamento emancipado e autônomo. O processo de *esclarecimento* é dificultado, portanto, pela intensa influência que a ideologia da classe dominante

exerce sobre os indivíduos na contemporaneidade, sobretudo, aqueles que possuem como único meio de (semi)formação os canais e instancias mediadores controlados pelos divulgadores do pensar dominante que encontra facilidade em semiformar seus educandos conforme ditames, antecipadamente, estabelecidos, visando o controle e a dirigibilidade das massas semiformadas. Essas, com as consciências definhadas e deformadas, não conseguem perceber os arcanos ocultados pelos produtos culturais, que portam, em seu bojo, a ideologia dos grupos dirigentes, “[...] Pois a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança [...]”. Por ser tão semelhante à vida social, acaba por confundir os indivíduos semiformados, que, facilmente modulados, absorvem, na íntegra, as características fundamentais dos preceitos contidos nos produtos culturais.

Importante papel desempenharia a educação caso se comprometesse a combater a *semiformação*, ao invés de ser elemento subsidiário desta. Se, tal como escreveu Adorno (1993), *a vida está danificada*, a educação, embora constitua uma das principais mediações para a socialização do indivíduo no mundo, encontra-se, também, na mesma condição, em virtude de não conseguir formar sujeitos críticos e emancipados e, ainda, colaborar, fortemente, para que os mesmos permaneçam em uma situação de “escravidão”. Não que a escola **seja** assim. Na verdade, **está** assim, por encontrar-se inserida em uma configuração social, expressão do modelo político, econômico e cultural capitalista, que não permite à mesma ser mediação para a autonomia dos indivíduos. Condição essa, embora contestada por muitos, corroborada pelo impressionante número de alunos fora da escola. O discurso, historicamente entoado, “educação para todos” não tem passado de uma falsa promessa, pois, por um lado, nem todos os indivíduos, ainda hoje, possuem acesso facilitado à escola e, por outro, os que possuem com, muita frequência, “evadem” ou, frequentemente, “repetem”. Entre os que repetem e evadem a imensa maioria pertence às camadas sociais desprivilegiadas economicamente. E essa história vem sendo reiterada, sistematicamente, ao longo dos anos em diversos contextos e situações, com os mesmos personagens “repetindo” ou “evadindo”. Nas palavras de Patto (1991) é necessário buscar as raízes históricas do fracasso escolar desses indivíduos.

Convém, neste momento, evocar Adorno (1994b, p. 87) quando analisa que:

[...] Está justificada a suspeita dos antigos críticos culturais, segundo a qual **num mundo em que a educação é um privilégio e o aprisionamento da consciência impede de qualquer modo o acesso das massas à autêntica vivência das formações espirituais, não mais importam tanto os conteúdos ideológicos específicos quanto o fato de que simplesmente haja algo preenchendo o vácuo da consciência expropriada e desviando a atenção do manifesto segredo (Grifos meus).**

A educação existente, portanto, tem cumprido, no capitalismo tardio, uma tarefa que é basilar para a dominação dos indivíduos: “desviar a atenção do manifesto segredo”. Segredo esse o qual as massas nem desconfiam, mas que é vital para que a dominação permaneça inalterada. Sendo a educação, ainda hoje, um privilégio, mesmo quando ofertada às massas não possibilita uma verdadeira

vivência formativa, cultural e emancipatória, porém os efeitos são ainda mais nefastos quando as mesmas são excluídas de acessarem ou permanecerem nas escolas estatais ou privadas. Ao preencher o *vácuo* das consciências semiformadas com a ideologia dominante reforça a dominação imposta aos indivíduos pertencentes à classe trabalhadora na contemporaneidade. Adorno (1995), atento a esta condição da educação na contemporaneidade, vislumbra o momento negativo da formação escolar; a tensão que poderia permitir à educação contribuir para a emancipação dos indivíduos. Mas para isso ela teria que ir além do *well adjusted people*, pois deveria possibilitar condições para o *esclarecimento* e para a emancipação. Nas palavras de Adorno (1995):

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência a para a racionalidade uma ambigüidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela (p. 143-4).

Importante contribuição teria a educação para a produção de *consciências verdadeiras*, caso não estivesse controlada pelas forças conservadoras do poder constituído. Contudo, há ainda a possibilidade de, no interior do espaço escolar – haja vista que as contradições intrínsecas desse sistema perpassam todos os campos sociais –, se desenvolverem consciências emancipadas. Estando, entretanto, atrelada ao poder dos administradores da sociedade, a educação, *tendencialmente*, socializa a ideologia dos grupos dominantes e assim contribui para manter sob controle qualquer insurreição dos grupos submissos aos ditames do capital. Adorno (1995), porém, rasgando a impressão pessimista que seus escritos possuem, vislumbra uma possibilidade utópica para educação, ao esboçar sua *concepção inicial de educação*:

A seguir, e assumindo o risco, gostaria de apresentar minha concepção inicial de educação, evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, por que não temos o direito de modelar as pessoas a partir de seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais que destacada, mas **a produção de uma consciência verdadeira**. Isto seria inclusive da maior importância política; sua idéia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política (p. 141. **Grifos meus**).

A mera transmissão de conhecimento, no entanto, tem imperado, a meu ver, na sociedade administrada, o que impede a produção de *consciências verdadeiras*, bem como a emancipação dos indivíduos. É a educação danificada contribuindo, fortemente, para a danificação da vida. As condições necessárias para a efetiva emancipação dos indivíduos estão obliteradas e, cada vez mais, a organização econômica objetiva inviabilizar qualquer situação histórica que possa propiciar os indivíduos as possibilidades de se libertarem do estado de *heteronomia* do qual o capitalismo tardio os

tornou vítimas. Sucumbindo aos imperativos do capital, as pessoas acatam passivamente a sociedade dada, refutando as possibilidades de uma provável modificação da situação existente – ainda que, cada vez mais, limitadas. Tudo indica, porém, que o espaço escolar – local em que se poderiam desenvolver consciências antagônicas à *semiformação* – ao ser, paulatinamente, mercantilizado por forças políticas que se orientam pela doutrina neoliberal de regulação econômica vem sendo atacado pelo processo de privatização, que é experimentado em todos os países que se submeteram às pragmáticas leis mercantis (Shiroma, 2002). A educação, destarte, enquanto espaço institucional, tem se constituído em *locus* privilegiado para a proliferação da *semiformação* das consciências adormecidas. Nesse sentido, ao invés de preparar os indivíduos para exercerem um papel de sujeito na sociedade, reforça sua condição de submisso e obediente objeto serviçal dos agentes encarregados da reprodução do *ethos* capitalista.

Os indivíduos semiformados encontram-se incapazes de refletir, de pensar, de se livrar dos grilhões que inviabilizam um pensar autônomo. Estes tentam de modo imediato apreender os complexos fenômenos sociais que se apresentam. Esta infeliz tentativa dos indivíduos revela, na verdade, a incapacidade destes em compreenderem fenômenos sociais cada vez mais complexos, que não se revelam, ao espírito definhado, de forma imediata. No entender de Kosik (1986), segundo Marx, se os homens conseguissem apreender imediatamente as conexões que a realidade imediata apresenta, não teriam serventia a Ciência e a Filosofia. Contudo, ainda hoje, nenhum homem consegue realizar esta árdua tarefa. Acontece que os indivíduos têm que se contentar com as *opiniões*, que resultam em *demência* (Adorno, 1969) forjadas pelos grupos dirigentes. Neste sentido, a conformação do espírito à *opinião* engendrada e socializada pela elite que administra a sociedade demonstra a regressão do *esclarecimento* à ideologia dos grupos privilegiados pela organização econômica. O processo dialético que possibilita o *esclarecimento* só se confirma por meio do pensamento que investiga minuciosamente a realidade. A configuração alienada que a vida assume exige do pensamento uma análise rigorosa acerca do objeto que se quer saber mais. Do contrário, qualquer juízo imediato acerca da vida imediata nos tornará *semelhantes aqueles romancistas que cobrem suas marionetes de ornamentos baratos*. No entender de Adorno (1993, p.7):

Quem quiser saber a verdade acerca da vida imediata tem de investigar sua configuração alienada, investigar os poderes objetivos que determinam a existência individual até o mais recôndito nela. Se falarmos de modo imediato sobre o que é imediato, vamos nos comportar quase como aqueles romancistas que cobrem suas marionetes de ornamentos baratos, revestindo-as de imitações dos sentimentos de antigamente, e fazem agir as pessoas, que nada mais são do que engrenagens da maquinaria, como se estas ainda conseguissem agir como sujeitos e como se algo dependesse de sua ação. O olhar lançado á vida transformou-se em ideologia, que tenta nos iludir escondendo o fato de que não há mais vida (Adorno, 1993, p. 7. Grifos meus).

Diante deste *eclipse da razão* (Horkheimer, 1976) engendrado e socializado pelas instancias

divulgadores da *semiformação* (Adorno, 1996) que possibilidade há para os indivíduos desembaraçarem-se das teias que sufocam e aprisionam sua individualidade, sua autonomia? A educação atual, mesmo estando danificada, mesmo colaborando para a permanência do estado de *menoridade social* pode contribuir para a constituição de um espírito emancipado? Eis o desafio colocado à uma educação e educadores interessados em construir uma sociedade, verdadeiramente, emancipada. Mesmo diante de uma cultura mórbida, por se mercantilizar, cujos propósitos não pretendem *esclarecer*, mas semiformar, ainda é possível não contribuir para o que *ruim* na educação (Adorno, 1994b, p. 85), ou seja, para a reprodução inconsciente dos preceitos que favorecem a dominação social, pois “[...] Por mais insuperável que seja o feitiço, é apenas feitiço” (Adorno, 1994a, p. 75). Relembro, aqui, para finalizar esta parte, as palavras de Zuin (1995, p. 173) quando entende que:

Não obstante a tendência hegemônica ser a realização do processo de imbecilização das consciências, existe ainda a possibilidade de desenvolvimento de consciências críticas. Isso em virtude do fato de que [...] de uma forma ou de outra as diferenças sociais são tão alarmantes que acabam por se fazer visíveis. Principalmente quando os esforços são centralizados para a tentativa de que estas se tornem explícitas, quando se questiona que produtos culturais são consumidos, que valores e normas de comportamento estão veiculadas e a quais interesses servem. Tal trabalho pode e deve ser realizado pelos educadores, seja nas universidades, seja nas escolas de primeiro e segundo graus.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a teoria dialética se mostra desinteressada pela cultura enquanto um mero epifenômeno, então ela contribui para que o desconcerto cultural continue a se propagar, e **colabora na reprodução do que é ruim**. [...] Crítica imanente de formações culturais significa entender, na análise de sua estrutura e de seu sentido, **a contradição entre a idéia objetiva dessas formações e aquela pretensão, nomeando aquilo que expressa a consistência e a inconsistência dessas formações** em si, em face da constituição do estado de coisas existentes (Adorno, 1994b, p. 85. **Grifos meus**).

Vivemos em uma época de *esclarecimento*, embora os homens permaneçam em um estado de menoridade social. Não por sua culpa, mas por um avassalador poder conferido aos grupos dirigentes; detentores de poderosos meios que divulgação de seus preceitos, suas ideologias, com destaque para *indústria cultural*, que, praticamente, ao monopolizar a formação dos indivíduos, assume notável papel na estultificação das consciências, impedindo que estas possam, a qualquer momento, desconfiar do *manifesto segredo*. O processo de *esclarecimento*, tal como formulado por Adorno e Horkheimer, naufraga.

Principal divulgadora da *semiformação*, a *indústria cultural* – ao fabricar produtos culturais portadores da ideologia do mundo totalmente administrado – acolita, com sucesso, o controle das

massas, que – incapazes de perceberem os simulacros – consomem, vorazmente, os produtos culturais que, cada vez mais, as enfeitiçam. As massas, encantadas, são, portanto, facilmente dirigidas conforme os ditames do capital. Encantar e enfeitiçar; tem sido essa a incumbência precípua da *indústria cultural*. Essa indústria, por sobreviver de promessas, nada mais faz do que patrocinar o encantamento dos indivíduos, que, enfeitiçados, pouco desconfiam do *manifesto segredo*. Indivíduos enfeitiçados se convertem em fáceis receptáculos das *semiformações* socializadas pela *indústria cultural*, bem como pelos indivíduos semiformados. A educação, nesse contexto, mesmo que querendo opor-se a esta imposição social, acaba tendo que, tendencialmente, reproduzir a *semiformação*, que se generaliza, também, por meio da escola. Isso reforça a assertiva de que a educação danificada de nossos tempos colabora, tendencialmente, para a socialização da *semiformação*, bem como para tornar mais potente o feitiço e o feiticeiro. A educação, porém, mesmo danificada, ainda é importante meio para que a possibilidade utópica da emancipação não morra completamente, pois “[...] em tempos da universalização do espírito pela lógica do equivalente, a possibilidade da existência da formação abriga-se na auto-reflexão crítica de sua conversão em *semiformação*” (Adorno, 1996, p. 410).

Não colaborar, na educação, para a reprodução do que é ruim já será um avanço significativo. Se, na atualidade, as tentativas e possibilidades para que a educação seja favorável à produção de *consciências verdadeiras* e para o esclarecimento são estorvadas pelos interessados na reprodução de uma sociedade que promove incessantemente o que é *ruim*, cabe aos educadores críticos e progressistas, em qualquer espaço e campo social, colaborar para que a ocultação seja percebida, criticamente, pelos educandos. As contradições sociais exacerbadas de nossos dias oferecem aos indivíduos, mesmo enfeitiçados, possibilidades para que desconfiem do que não pode ser revelado.

Diante deste contexto, a possibilidade da redenção da formação pela educação como emancipação numa sociedade, cujas relações já a negam *a priori*, pode tanto convergir para a preservação da ideologia das salvadoras propostas educacionais, quanto para a postura autocrítica que busca reapropriar o não-idêntico imanente ao próprio idêntico. A luta pela desbarbarização das relações sociais também se alicerça no reavivamento da formação pela educação, ou seja, na recuperação daquelas potencialidades emancipatórias que foram impedidas de se objetivar porque tiveram a audácia de se insurgir contra sua própria fetichização (Zuin, 1999, p. 149).

Isso quer dizer que ainda há possibilidades para fugirmos da prisão imposta pelo mundo administrado?! O esclarecimento obstado pelas condições objetivas e subjetivas da contemporaneidade ainda pode se realizar?! A responsabilidade para a realização de uma sociedade esclarecida, impossível a um único ser humano, é tarefa que cabe, especialmente, àqueles que ainda não sucumbiram às seduções da sociedade mercantilizada, embora o alvo deva ser o gênero humano. Neste caso, somos, cada um de nós, igualmente, responsáveis para que a educação não promova apenas a *well adjusted people*, mas o esclarecimento, a emancipação...

V. REFERÊNCIAS

ADORNO, T. Opinión, locura, sociedad. in: _____. **Intervenciones**: nueve modelos de crítica. Caracas: Monte Avila, 1969, p. 137-60.

ADORNO, T. W. **Minima Moralia**: reflexões a partir da vida danificada. São Paulo: Editora Ática, 1993.

ADORNO, T. W. Capitalismo tardio ou sociedade industrial? In: COHN, G. (org.). **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1994a (Grandes cientistas sociais, 54).

ADORNO, T. W. Crítica cultural e sociedade. In: COHN, G. (org.). **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1994b (Grandes cientistas sociais, 54).

ADORNO, T. W. O ensaio como forma. In: COHN, G. (org.). **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1994c (Grandes cientistas sociais, 54).

ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, TH. Educação – para que? In: _____. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, TH. **Teoria da semicultura**. In: Educação & Sociedade: Revista quadrimestral de Ciência da Educação/CEDES: Campinas: Papyrus, XVII, n. 56, dez. 1996: 388-411.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas: Editora Cortez, 1999.

HORKHEIMER, M. **Eclipse da Razão**. São Paulo: Labor do Brasil, 1976.

KANT, I. Resposta à pergunta: que é o iluminismo? (1784). In: _____. **A paz perpétua e outros opúsculos**. Lisboa: Edições 70, s. d.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo: Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 1994.

PATTO, M.H.S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

SHIROMA, E., MORAES, M. & EVANGELISTA, O. **Política educacional**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, 2º edição. (O que você precisa saber sobre).

ZUIN, A. Seduções e simulacros: considerações sobre a *indústria cultural* e os paradigmas da resistência e reprodução em educação. In: PUCCI, B. (org.) **Teoria crítica e educação**: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. Petrópolis: Vozes, 1994. (Ciências sociais da educação).

ZUIN, A. **Indústria cultural e educação**: o novo canto da sereia. Campinas: Autores Associados, 1999.